

HIV E PLATAFORMAS DIGITAIS: ARENAS DISCURSIVAS DE PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Carlos Edmilson Avila de Lima¹
Sirlete Maria Bitencourt Frighetto²
Leonardo dos Santos da Silva³
Lidiane Londero Perlin⁴
Joacir Marques da Costa⁵

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar representações midiáticas e coletivas produzidas em torno da epidemia do vírus HIV/AIDS. Assim sendo, nesta pesquisa é construída uma estrutura argumentativa de que a epidemia do HIV/AIDS apresenta-se como um fenômeno sociocultural, que infecta e contagia subjetividades do ponto de vista da produção de preconceitos, às vezes por um moralismo e às vezes por ignorância acerca dos avanços científicos. Ainda, discute-se com elementos simbólicos, materiais e midiáticos, os quais disputam as narrativas sobre a história do HIV/AIDS, e que nem sempre são respaldados por descobertas científicas. Utiliza-se uma metodologia cartografia para re/construir os desenhos desse mapa discursivo, compreendendo o método cartográfico como um processo inventivo, que não possui pretensões de elaborar discursos universais ou neutros, mas como um rascunho de uma visão de sociedade, em que o pesquisador empresta sentidos no objetivo de construir um diálogo entre os conceitos e objeto de pesquisa. Ao fim, destacam-se as influências que esses discursos midiáticos possuem na produção de subjetividades, e como o ativismo social nas mídias têm contribuído para

1 Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, carlosufsm58@gmail.com; bolsista da CAPES

2 Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, sirletemaria04@gmail.com

3 Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, ssantosleonardo90@gmail.com; bolsista da CAPES

4 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, lidiane.londero@hotmail.com; bolsista da CAPES

5 Professor, Doutor e orientador no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, costa.joacir@ufsm.br.

socializar as descobertas científicas e produção de novos sentidos que reverberam na mudança de comportamento social.

Palavras-chave: Plataformas Digitais, Subjetividade, HIV/AIDS, Saúde, Educação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga, a partir da perspectiva dos estudos culturais, uma leitura das manifestações culturais de grupos que são socialmente marginalizados, ou seja, uma cultura posta na fronteira social. Assim sendo, com Tomaz Tadeu da Silva (2022), entendemos que em uma concepção pós crítica “às análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social” (SILVA, 2020, p. 132).

Desse modo, podemos argumentar que existe uma batalha discursiva acerca da pauta hiv/aids sendo disputada, a qual denominamos “epidemia discursiva midiática do hiv”. Em outras palavras, entendemos esse currículo como “um espaço que corporifica relações sociais, formas de conhecimento, de saber-poder e como território de composições e experimentações; território em que jogamos parte significativa dos jogos de nossas vidas” (PARAÍSO, 2006, p. 1). Uma arena de disputa de práticas e enunciados discursivos, “espaço onde se concentram e se desdobram as lutas em torno de diferentes significados sobre o mundo social e sobre o político” (SILVA, 2006, p. 99).

Desse modo, desenhamos um rascunho de mapa ou mosaico das representações midiáticas acerca desse fenômeno sociocultural que denominamos “epidemia discursiva do hiv/aids”⁶ o qual a partir da filosofia de Michel Foucault (2019), destacamos como um dispositivo de poder e saber que influencia na produção de subjetividades individuais e coletivas, demarcadas, territorializadas, desterritorializadas a partir de diversos outros dispositivos, agenciamentos e fenômenos culturais presentes em um determinado contexto histórico. Assim sendo, argumentamos que a temática do hiv/aids ultrapassa as fronteiras das páginas de boletins, bulas e relatórios epidemiológicos, e ganha espaço nas mais variadas plataformas (físicas e digitais), nas instituições de educacionais, de saúde e religiosas, as quais desenvolvem uma legítimas disputas acerca dos sentidos e significados materiais e simbólicos da epidemia do hiv/aids, promovendo uma “nova cruzada ideológica” sobre o tema em questão. Sobretudo, destacamos que

6 Normalmente as siglas são escritas com letras maiúsculas, nessa pesquisa estamos usando as siglas hiv/aids com letra minúsculas para sinalizar que a centralidade desta pesquisa não é o vírus ou a doença, mas sim a epidemia discursiva, ademais também nos inspiramos em outros pesquisadores que utilizam as siglas em minúsculo em respeito às pessoas que morreram em decorrência do vírus, seja pela falta de medicamento ou por negligência do Estado, em construir ação de educativas, de prevenção ou de acolhimento.

antes mesmo do vírus do hiv chegar a todos os continentes, a epidemia discursiva midiática já tinha sido amplamente massificada e viralizando com seu “vírus ideológico” (DANIEL; PARKER, 2018, p.14) todos os continentes, por meio dos jornais e demais mídias sociais.

Ademais, com as pesquisas de Bessa (2002, 2007), compreende-se que o fenômeno social hiv/aids não é apenas um vírus/doença que atinge o corpo fisiológico e restrito às fronteiras do campo da saúde. “A aids não é apenas uma questão de saúde, mas também discursiva, sobretudo pela construção da doença pelos discursos biomédicos e midiáticos frente à urgente necessidade de torná-la inteligível para, então, lidar com ela” (PROCÓPIO, DOS SANTOS, 2023, p.2). Desse modo, nesta pesquisa, argumenta-se que há inúmeros elementos discursivos, materiais, lúdicos, didáticos, econômicos, sociais e psicológicos que disputam e interferem no modo como as diferentes populações mundiais, em diferentes períodos históricos, lidam com a epidemia do vírus hiv/aids. Ou seja, por ser um vírus-doença de proporção mundial, cada país/região desenvolveu uma forma distinta de responder aos desafios apresentados pela epidemia.

Para tanto, no desenvolvimento da pesquisa flertamos com uma metodologia de pesquisa cartográfica, em que não se tem a concepção de descobrir algo velado, mas que na grande maioria dos casos o que existe é uma produção e criação de novos dados, condicionando os contextos. Dito isso, mapeamos alguns materiais como filmes, reportagens, publicações em redes sociais e nos inspiramos em algumas pesquisas, de modo a elaborar movimentos argumentativos e análise de materialidades. Ademais, não buscamos produzir metanarrativas sobre o tema em questão, aliás, buscamos a partir das microrrelações e micropolíticas, emprestar sentidos e significados para tais fenômenos, ou seja, enquanto pesquisadores assumimos o compromisso de produzir um trabalho alicerçados nas descobertas e avanços científicos, com o objetivo de contribuir para a mediação e possível soluções dos problemas e demandas que afetam nossa sociedade.

Seguindo esta dinâmica, a cartografia permite então problematizar os nossos modos de ser e agir, nos ajudando a reconhecer como reproduzimos ou não a subjetividade dominante, como a disputa de forças sociais nos compõem na vida, e no caso, na pesquisa. Assim, a análise cartográfica se orienta por uma dinâmica que percorre “os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias rizomáticas de análise e ação, percorrendo e desenhando trajetórias geopolíticas. (CINTRA, 2017, p.46)

Assim sendo, o pesquisador (cartógrafo) “deve mostrar os desdobramentos que foram realizados na pesquisa, passos, dados, episódios, e ter em mente que é

o ambiente que explica os caminhos escolhidos durante o processo de construção da cartografia (VICENTE; SANTOS; SILVA, 2017, p. 5). Desse modo, nesta pesquisa assume-se uma postura pós crítica, “não como abandono da história, mas como pressuposto de que a produção da história e dos sujeitos se dá no âmbito da linguagem, nas micro relações de saber-poder e de disputas/alianças discursivas que governam e fabricam os/as sujeitos/as” (COSTA; LIMA; SILVA, 2023, p. 474).

REFERENCIAL TEÓRICO

Desse modo, como referencial teórico desta pesquisa utilizamos algumas pesquisas que nos ajudam a entender como tem sido construída essa disputa discursiva a respeito do hiv/aids. Uma das primeiras analogias do hiv/aids como um fenômeno de embates ideológicos foi apresentado por Sontag (1984), o texto foi escrito em um contexto que sequer tínhamos uma esperança no tratamento do vírus, a epidemia já tinha se espalhado por todos os países e passado para um processo de interiorização, chegando às cidades localizadas longes das cidades grandes e das regiões metropolitanas. Assim sendo, o que havia sido vendido (anunciando) como “câncer gay” se tornou um enorme problema e desafio humanitário da nossa geração. No seu trabalho a autora reflete sobre as diversas metáforas e analogias envolvidas no processo de adoecimento individual e coletivo e como o pânico moral e o terrorismo biológico, sobretudo com os sujeitos que tinham práticas homoafetivas, dissidentes e que estavam distantes da norma da família patriarcal, ou seja, muitos preconceitos e estigmas haviam se instalado ao lado da primeira doença que passou por um forte processo de moralização e punitivismo social.

O que tenciono descrever não é uma emigração real para o reino dos doentes e o que seja lá viver, mas as fantasias punitivas ou sentimentais forjadas em torno dessa situação; não a verdadeira geografia, mas os estereótipos do caráter nacional. Não pretendo abordar a doença física em si, mas o uso da doença como um símbolo ou metáfora. Meu ponto de vista é que a doença não é uma metáfora e que a maneira mais honesta de encará-la - e a mais saudável de ficar doente - é aquela que esteja mais depurada de pensamentos metafóricos, que seja mais resistente a tais pensamentos. Por ora, é muito difícil fixar residência no país dos doentes e permanecer imune aos preconceitos decorrentes das sinistras metáforas com que é descrita a sua paisagem. (SONTAG, 1984, p.5)

Ademais, os ativas Daniel e Parker (2018) utilizam a expressão “terceira epidemia” ao fazer uma análise sobre os três fenômenos socioculturais promovidos

pelo hiv, autores argumentam existem três tipos de epidemia: a primeira epidemia foi o surgimento do vírus a infecção propriamente dita, a segunda seria o processo em que o vírus se espalhou pelos diversos grupos sociais, e atualmente vivemos a terceira epidemias, em que mesmo com todos os avanços e descobertas da ciência, ainda somos assombrados por fantasmas epistêmicos que nos perseguem e nos assombram, produzindo um pânico moral e preconceitos acerca da temática hiv/aids. Ao concluírem sua argumentação enfatizam o surgimento, presença e proliferação de um “vírus ideológico” que infecta e influencia a produção de subjetividades.

Além disso, na primeira coletânea de versos e poemas organizada por Ramos Lemos (2018), intitulada “Tente entender o que quis dizer”, o autor argumenta que a “a linguagem é o verdadeiro vírus”. Lemos organiza 101 poemas e versos de 95 poetas, que utilizam suas linhas e versos para compartilhar suas angústias, inseguranças, medos e descobertas que os ajudam a refletir sobre a vivência. Os poemas registram um período desde o início da epidemia do hiv quando não tinha remédios, e que quem recebia o diagnóstico de hiv positivo só tinha os versos e poemas como fuga para um outro tipo de cura, que só os poemas poderiam oferecer, já que a ciência caminhava em passos lentos para a descoberta de um tratamento efetivo e eficaz para a doença.

Outro conceito que nos ajuda a compreender essa epidemia discursiva é “Aids-NOTÍCIA” elaborada pelos pesquisadores Spink et al. (2001) que nos apresentam um estudo em que foram pesquisado durante a década de 1980/1990, mais especificamente entre os anos 1987 e 1996, em que o jornal Folha de São Paulo publicou 7.074 reportagens que tinha como pauta principal as temática e as questões que envolvia hiv/aids.

As funções da mídia como elemento imprescindível da produção de sentidos na sociedade contemporânea, frente a eventos que se configuram como novos e/ou ameaçadores. A mídia, nessa perspectiva, cumpre dois papéis importantes: por um lado, a imprensa anunciou o aparecimento de um novo fenômeno no campo da patologia; e, por outro, desenhou progressivamente seus contornos e, sobretudo, operou a passagem das informações sobre a doença do domínio médico e científico para o registro social (BIANCARELLI, 2001, p. 852).

Ademais, podemos observar a presença dessa temática em diversas plataforma digitais, midiáticas e físicas, como por exemplo nas músicas, nos poemas, nas telenovelas, nos jornais, nas redes sociais (instagram, Facebook, Tiktok,

Twitter), desse modo podemos argumentar que essa temática tem se manifestado como um dispositivo que regula e disciplina a vida de sujeitos e coletividades.

Por esse termo (dispositivo) tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (...) Entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante [ênfases adicionadas]. (FOUCAULT, 2019, p. 364- 365)

A partir desses elementos observamos que durante esses últimos quarenta anos a pauta do hiv esteve presente em diversas mídias sociais as quais disputavam, produziam e reproduziam sentidos para a temática em questão. Logo, quando a pauta é o hiv, argumentamos que existe uma encruzilhada de dispositivos que disputam as subjetividades.

A luta contra a aids tornou-se a luta contra os dispositivos geopolíticos e culturais de produção da aids – o que inclui modelos biomédicos, campanhas publicitárias, organizações governamentais e não governamentais de saúde, programas de sequência de genoma, indústrias farmacológicas, propriedade intelectual, bioparceiros, marcas, definições de grupo de risco, ensaios e protocolos clínicos... (PRECIADO, p. 355-356).

Nesse sentido, é válido ressaltar que existem disputas em diversos setores da sociedade que buscam produzir sentidos e significados acerca do fenômeno social que foi promovido a partir do vírus do hiv. Ou seja, existem tanto o papel da medicina que busca encaixar esse fenômeno a partir de seus diagnósticos, bulas e relatórios, que buscam em certo sentido promover uma gestão da saúde-doença, vida e morte, como também existe o fenômeno de preconceito e estigmatização promovidos por discursos e setores da sociedade conservador-criminosos. Nesse contexto, destacamos a forte presença de diversos movimentos sociais e a sociedade civil que também estão nesse processo de disputa, combatendo não apenas o preconceito e o estigma, em especial, também estão lutando pela qualidade de vida e dignidade humana das pessoas que vivem com hiv.

Ademais, nas últimas décadas a partir da revolução tecnológica diversas outras formas de socializar e compartilhar o conhecimento foram sendo

promovidas a partir das redes sociais e plataformas digitais, como facebook, instagram, tiktok. Esses territórios digitais nos quais diversos sujeitos que vivem com hiv tem utilizado seus perfis para compartilharem e socializarem suas angústias, alegrias e experiências acerca da vivência com hiv. Assim sendo, podemos argumentar que as plataformas digitais têm potencializado uma “quarta epidemia”⁷ do hiv, em que viraliza outras visões sobre a temática do hiv, e sobretudo, é nas redes sociais onde, atualmente, os sujeitos que vivem com hiv encontram maior espaços para produzirem outros sentidos sobre a temática em questão.

Ou seja, por meio das redes sociais estes sujeitos rompem com a dicotomia do espaço geográfico privado/público, ao compartilharmos questões que até então eram escondidas nos armários (DUQUE; SEFFNER, 2022) do silêncio do preconceito e do estigma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do aprofundamento proporcionado pelas pesquisas de Bessa (2002, 2007), compreendemos que o fenômeno social do hiv/aids transcende a mera manifestação de um vírus ou enfermidade que afeta o corpo fisiológico, situando-se para além das fronteiras tradicionais do campo da saúde. Segundo Procópio e Dos Santos (2023, p.2), a temática do hiv/aids não se restringe unicamente ao âmbito da saúde, sendo também uma questão discursiva, particularmente na construção da compreensão da doença pelos discursos biomédicos e midiáticos. Essa construção discursiva se torna imperativa diante da urgência em tornar a AIDS compreensível para lidar eficazmente com seus desafios.

Esta pesquisa ao sustentar a argumentação de que inúmeros elementos discursivos, simbólicos, reais, materiais, lúdicos, didáticos, econômicos, sociais e psicológicos concorrem e interferem na maneira como diferentes populações globais enfrentam a epidemia do vírus hiv/aids ao longo de diferentes períodos históricos. A globalidade do vírus-doença propicia o desenvolvimento de respostas distintas por parte de cada país ou região diante dos desafios apresentados pela epidemia.

Assim, enfrentar a epidemia de hiv/aids torna-se um desafio social substancial quando grupos ou países adotam abordagens baseadas em crenças e práticas que se distanciam das descobertas científicas (Helman, 2009; Gonçalves, 2010). Este cenário propicia a perpetuação de uma “epidemia discursiva marcada por

⁷ utilizamos essa expressão para dialogar com livro *AIDS: a terceira epidemia: ensaios e tentativas*, texto já citado no corpo deste trabalho.

visões estigmatizantes, monopolizadoras e autoritárias” (Procópio, Dos Santos, 2023, p.2), sustentada por conjecturas, dogmas, inverdades e fantasmas epistêmicos do século passado, que carecem de fundamentação nas descobertas e avanços científicos.

Nesse contexto, inúmeras trilhas são delineadas na busca por compreender e abordar os fantasmas epistêmicos que permeiam o imaginário coletivo e perpetuam discursos arcaicos e anticientíficos sobre a temática do hiv/aids. A definição do ponto de partida para esse mapeamento torna-se crucial, podendo explorar trilhas que conduzem aos debates sobre os conceitos de currículo, delimitar as fronteiras conceituais de uma cartografia da subjetividade, ou investigar as trilhas que revelam a falta de informação e a precariedade educativa relacionada às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Ademais, reconhecemos a centralidade da linguagem e do discurso, influenciando a construção de elementos discursivos que estruturam a materialidade de uma outra epidemia — a do preconceito —, a qual se apresenta como mais perigosa do que a própria pandemia do hiv/aids. Esta pandemia do preconceito territorializa subjetividades em todos os cantos do planeta, propagada por vetores como a falta de informação e o moralismo, presentes em todas as culturas da sociedade globalizada.

Seguindo a análise de Foucault (2016, p.12) sobre a relação entre discursos verdadeiros e a formação da experiência do sujeito, o texto destaca a importância de compreender como os discursos sobre o hiv/aids moldam nossa experiência de nós mesmos. Desse modo, argumentamos, então, que nem todos se tornaram “portadores do vírus hiv” no corpo, mas, infelizmente, todos foram infectados pelo vírus do preconceito, configurando uma terceira epidemia social, explosiva em suas repercussões.

Daniel e Parker (2018) enfatizam que os meios de comunicação, como principais vetores, propagaram esse vírus do preconceito. Diante desse contexto, a pesquisa defende que, frente ao preconceito e ao medo, a informação e a solidariedade emergem como respostas eficientes ao avanço da AIDS. Nos últimos anos, foram desenvolvidos mecanismos, ferramentas e tecnologias, tanto biomédicas quanto sociais, para enfrentar as crises instauradas pelo vírus do hiv/aids.

É digno de nota que cientistas, médicos, educadores, políticos, religiosos, em suas diversas esferas de atuação, uniram esforços para enfrentar a epidemia do hiv/aids. Após quatro décadas, compreendemos que os desafios não se limitam mais à busca da cura, dada a evolução biomédica. O cerne da problemática reside nos estigmas e preconceitos que permeiam os discursos sobre o hiv/aids, influenciando prevenção, tratamento e políticas públicas e educacionais. Estudos indicam

que o preconceito em torno do hiv ainda impede muitas pessoas de realizar testes rápidos e iniciar tratamentos após o diagnóstico (Louw, 2022), transformando o preconceito em uma causa significativa de morte e deterioração da qualidade de vida.

Ao abordar os avanços conquistados durante as quatro décadas da pandemia do hiv/aids, destaco que a resposta à AIDS impulsionou progressos em áreas como direito à saúde, igualdade de gênero, sistemas de informação em saúde, plataformas de serviços, acesso a produtos básicos e segurança social. Contudo, ressaltamos, que a luta atual vai além do aspecto biomédico, envolvendo dimensões biológicas, socioeconômicas e políticas.

Concluimos ressaltando que, apesar dos avanços conquistados, a batalha contra o hiv/aids transcende as fronteiras da biomedicina, exigindo uma abordagem interdisciplinar e uma compreensão profunda das complexas dinâmicas sociais que perpetuam o preconceito e a estigmatização. Diante desse fenômeno reconhecemos que as novas plataformas digitais (tiktok, facebook, twitter e instagram) podem contribuir no sentido de compartilharmos e socializamos novas interpretações e narrativas para esse epidemia discursiva do hiv/aids, sobretudo, por possibilitar que os sujeitos que vivem com hiv possam compartilhar as suas vivências enquanto sujeitos que vivem com hiv.

REFERÊNCIAS

BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos: autobiografias & AIDS**. Aeroplano, 2002.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS**. Record, 1997.

BIANCARELLI, Aureliano. DOENÇA EM FOCO: AS REPORTAGENS SOBRE AIDS PUBLICADAS PELA FOLHA DE S. PAULO. **Revista USP**, n. 33, p. 136-147, 1997.

COSTA, Joacir Marques da; LIMA, Carlos Edmilson avila de; SILVA, Rafael Lesses. da. INSURGÊNCIAS DO MOVIMENTO LGBT+: RELAÇÃO DO ESTADO COM OS SUJEITOS DE DIREITOS. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 48, n. 2, p. 472-487, 2023. DOI: 10.5216/ia.v48i2.74665. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/74665>. Acesso em: 22 set. 2023.

DANIEL, Herbert; PARKER, R. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: DANIEL, H; PARKER, R. AIDS: a terceira epidemia. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

CINTRA, Amanda Mendes Silva et al. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, p. 45-53, 2017.

COSTA, Joacir Marques da; LIMA, Carlos Edmilson avila de; SILVA, Rafael Lesses. da. INSURGÊNCIAS DO MOVIMENTO LGBT+: RELAÇÃO DO ESTADO COM OS SUJEITOS DE DIREITOS. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 48, n. 2, p. 472-487, 2023. DOI: 10.5216/ia.v48i2.74665. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/74665>. Acesso em: 22 set. 2023.

DUQUE, Tiago; SEFFNER, Fernando. A EPISTEMOLOGIA DO SEGUNDO ARMÁRIO: CANAIS DE GAYS HIV+ NO YOUTUBE COMO ARTEFATOS PEDAGÓGICOS. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 60, 2022.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder (R. Machado, Trad. e Org., 10 ed.). Paz & Terra, 2019.

MELLO, Ramon Nunes (Org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, v. 1, 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de pesquisa**, v. 34, p. 283-303, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742004000200002>

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo. 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu, 2004a.

PARAÍSO, Marlucy Alvez. Currículo e aprendizagem: relações de gênero e raça na escola. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

PARAISO, M. A.; MEYER, D. E.. Metodologias de pesquisas pós-críticas em 9-178, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642843>. Acesso em: 23 jan. 2023.

PRECIADO, P. B. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. n-1 edições, 2018.

SPINK, Mary Jane P. et al. A construção da AIDS-notícia. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 4, n. 17, p.851-862, jul. 2001.